

SOL DA LIBERDADE: INVESTIGAÇÕES ENTRE POÉTICA E POLÍTICA NAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

JESSICA FERNANDES DA PORCIUNCULA¹; RENATA REQUIÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – jessporc@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta uma reflexão, construída no campo das artes visuais contemporâneas, aproximando a produção poético-visual da vida política, a partir de um acontecimento factual, ocorrido em contexto local, com repercussões nacionais. Tendo como eixo de análise a produção da obra de arte *Sol da Liberdade* (2020), de minha autoria. O trabalho se estrutura como uma bandeira, construída em referência ao dia 8 de novembro 2019, quando uma ação truculenta da polícia militar interrompeu o evento de rua Festa da Primavera, realizado por artistas locais, em sua maioria alunos do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas (Fig. 1). E diante da atordoante situação nacional e internacional, carregada de extremismos crescentes, que venho anteriormente a essa obra, trabalhando a partir das bandeiras e de outros símbolos nacionais. No intuito de alargar a conversa possível entre criação artística e política, apoio-me em algumas referências artísticas e teóricas, como as bandeiras de Hélio Oiticica e Raul Mourão, artistas que se interessam por uma poética marginal, e Angélica Madeira, que disserta sobre ações artístico-culturais em tempos ditoriais.



Figura 1. Cenas da ação policial, no evento Festa da Primavera, em noticiários e sites de jornais.

Fonte: Jornal da RBS (Porto Alegre-RS) e Diário Popular (Pelotas-RS)

2. METODOLOGIA

Antes de adentrar no processo de construção do trabalho e na fatura da própria bandeira, é importante referir alguns processos anteriores, os quais também partem de investigações sobre bandeira do Brasil. Já há algum tempo tanto o próprio objeto da bandeira, como símbolo político, quanto outros elementos de reforço de nosso território, ou por sua simbologia, ou por seu valor econômico, me interessavam. A bandeira como objeto vinha sendo por mim explorada, junto de outras produções, no campo da escultura. É nele que ela está sendo pensada neste resumo. Na obra *Falta* (Fig. 2), a bandeira foi explorada junto de outro símbolo nacional, o futebol. Assim, o círculo azul da bandeira nacional vira um miolo azul que sai, como se brotasse, de dentro de uma bola de futebol, furada, colocada sob um tapete verde, circular. É então uma bandeira circular e não

retangular, como costumam ser as bandeiras das nações. Porque também é a marca circular de onde os pênaltis, no jogo de futebol, são cobrados. Me interessa nesse trabalho questionar a arbitrariedade em torno da exaltação futebolística, em contrapartida ao sucateamento da cultura e da educação no país, como uma infração muito mais grave que a cometida em campo, no futebol. Na obra *a volta dos que não foram* (Fig. 3), o recorte verde e amarelo da mesma bandeira do Brasil sobressai de uma calota prateada, ambos elementos apenas encaixados um ao outro, colocados na altura dos olhos, no intuito de dialogar também com a pintura. Neste trabalho, me interessava questionar a realidade do dito lucro dos avanços industriais (“ordem e progresso”, está inscrito em nossa bandeira), da indústria automobilística mas não apenas, pois aqui a roda é a roda do giro da criação do homem, numa clara referência à invenção da roda, fundamental na pré-história da humanidade. A riqueza do progresso cabe a poucos, enquanto a classe baixa se atola na labuta diária com a roda presa, sendo apenas massa de manobra para as corporações, cada vez com mais poder concentrado.

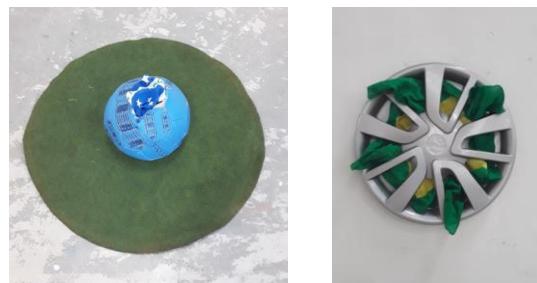


Figura 2. Escultura “Falta” (2019). Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3. Escultura “A volta dos que não foram” (2019). Fonte: Acervo pessoal.

No processo de construção desta bandeira, primeiramente surge, como um projeto, a peça digital *Primavera Verde Militar* (Fig. 4). Parti dos elementos visuais da bandeira do Brasil, somando às cores símbolos do verde bandeira, verde militar, o vermelho sangue e o amarelo ouro, lembrando graficamente a situação ocorrida na rua, na noite da ação policial, quando os artistas foram cercados por policiais armados. Esses, em massa uniforme, vestiam verde-escuro, saiam de viaturas com luzes vermelhas acesas, machucavam os estudantes, cujos corpos ficaram marcados pelas agressões físicas.

Dessa peça, divulgada apenas em redes sociais, se desdobra a peça gráfica *Sol da Liberdade* (Fig. 5), replicando um movimento de domesticação das mãos infantis, da ação educativa, nos exercícios didáticos através dos quais as crianças, adultos selvagens, deveriam colorir apenas dentro das linhas, conforme estivesse demarcada a região na folha com o nome da cor: verde, amarelo, azul, e neste caso vermelho, a desobediência estaria assim posta. A partir disso, construo a bandeira em tecido (Fig. 6), no tamanho 70x100 cm. Graficamente, sem as cores, o projeto da bandeira lembra o de uma quadra de esportes, colocando os elementos em jogo, a rua, a polícia e os artistas, numa suposta arena. Suas formas também lembram a imagem de um alvo, fazendo do centro a mira para o tiro. O título da obra questiona a liberdade ensolarada, referida também na inscrição da bandeira da revolução inconfidente mineira (“*Libertas quae sera tamen*”), liberdade entoada no hino nacional, evidentemente contraposta pela repressão policial naquele momento.



Figura 4. Peça digital *Primavera Verde Militar*. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5. Peça gráfica *Sol da Liberdade*. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6. Bandeira *Sol da Liberdade* em processo. Fonte: Acervo pessoal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra, *Sol da Liberdade*, finalizada (Fig. 7), se encontra exposta no espaço independente **Boneco Expositivo**, uma vitrine na Galeria Satte Alam, em Pelotas, a convite dos artistas e curadores do espaço, Yuki Zarate e Vicente Lima. No espaço da vitrine, o chão foi coberto de terra, reforçando o simbolismo de nação e demarcação de território, presentes na obra.



Figura 7. Bandeira *Sol da Liberdade* (2020), no **Boneco Expositor**, Pelotas, RS.
Fonte: Acervo pessoal.

Percebo neste trabalho, como em outros trabalhos meus, que todas as etapas, e os elementos que se alteram, somam significados à obra. Meu interesse maior é construir um discurso sobre e contra a repressão e o desmonte artístico-cultural que tem acontecido em nosso país de forma geral. Além de ser uma resposta direta, na minha medida, à violência policial realizada contra os artistas locais. Pois estamos vivendo um momento em que podemos repetir os termos usados por Angélica Madeira, no texto “Arte e política em contexto autoritário. Brasil – Brasília, 1967-1984”, sobre diversos artistas atuantes na época, que se interessavam em realizar ações que cavassem um buraco no fôlego da censura e da ditadura, em um Estado que apartava e afastava cada vez mais os artistas de seu convívio.

Dentre os artistas referidos, está o artista Hélio Oiticica, que realiza em 1969, a bandeira-poema *Seja Marginal, Seja Herói* (Fig. 8), em serigrafia. A obra é construída em resposta a morte de Cara de Cavalo, homem do morro carioca, amigo do artista, acusado de ter matado um policial, e tendo sido uma das primeiras vítimas do esquadrão da morte carioca, em 1964. Outra referência neste

trabalho é o artista Raul Mourão, que, em 2019, realiza a bandeira *New Brazilian Flag* (Fig. 9). A obra foi asteada em 15 de novembro de 2019, no Circo Voador, na Lapa-RJ. A ação no feriado de Proclamação da República foi ação simbólica, crítica ao momento social e político de um país pouco à beira de perder sua força republicana. A bandeira nacional arrombada no seu centro, um país sem céu, sem meio do céu...



Figura 8. Bandeira-poema *Seja Marginal, Seja Herói* (1968), de Hélio Oiticica.

Fonte: Encyclopédia Digital da Itaú Cultural

Figura 9. Bandeira *New Brazilian Flag* (2019), de Raul Mourão.

Fonte: Site oficial do artista

Em ambas as obras, me interessa a argumentação poético-visual. As obras se referem a acontecimentos factuais e contextuais, tendo-os como referência imediata. Há um elaborado trabalho de conscientização da potência simbólica existente nas imagens envolvidas nos trabalhos, bem como na construção de uma bandeira – associada à ideia de nação.

4. CONCLUSÕES

Atualmente, em minha produção artística, investigo questões relacionadas à identidade e ao território, nas esferas do pessoal e do nacional, do político e do poético. Parto dos condicionamentos de “ser” e “estar” no Brasil, em busca das relações entre os corpos, da compreensão do espaço, da análise e apropriação do vestuário (uniformes, por exemplo), dos objetos e de materiais capazes de repropor simbologias. Aceitando a noção de que todo artista é um intérprete de seu tempo, pode-se afirmar que a obra de arte é assim capaz de ser um testemunho histórico, tendo, no contemporâneo, força discursiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MADEIRA, Angélica. “Arte e política em contexto autoritário. Brasil – Brasília, 1967-1984”. In: **Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, PPCIS/UERJ, ano 7. n.1, julho de 2005. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/arquivos/AngelicaMADEIRA-Arteepoliticaemcontextoautoritario.pdf>>. Acesso em 29 de set. 2020.

MEMÓRIAS DA DITADURA – Sobre Seja Marginal, Seja Herói. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/obras/seja-marginal-seja-heroi-1968-de-helio-oiticica/>>

LULACERDA. New Brazilian Flag de Raul Mourão. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<https://lulacerda.ig.com.br/new-brazilian-flag-trabalho-de-raul-mourao-sera-estendido-no-circo-voador/>>